

UERJ
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Ciências Sociais

**O uso dos recursos do ambiente e as representações do “sertão”
na Praia da Longa (Ilha Grande, RJ).**

Mario Wiedemann

Monografia apresentada ao Departamento de
Ciências Sociais da UERJ, sob orientação da
professora Rosane Manhães Prado.

Rio de Janeiro

2008

UERJ

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Ciências Sociais

**O uso dos recursos do ambiente e as representações do “sertão”
na Praia da Longa (Ilha Grande, RJ).**

Mario Wiedemann

Rosane Manhães Prado

Patrícia Birmam

Sandra Carneiro

Rio de Janeiro
2008

Agradecimentos

Muitos caminhos e muitas pessoas passaram por mim no processo de feição deste trabalho e agradeço a todas por suas influências. De várias maneiras, amigos de vários tipos, que compuseram minha inspiração .

Agradeço a Rosane Prado, minha orientadora na pesquisa e da vida,
a Roberta Zanatta com a qual desvendei os caminhos da Longa,
a minha irmã, Rafaela Wiedemann, à sua família e à nossa ,
a minha mãe, Maria Eugênia Wiedemann, pela criação e criatura,
a Debora Herszenhut, o estopim da minha bomba,
a Patrícia Monte- Mór, pelas ferramentas e pelos novos projetos
a Patrícia Birman pelo Provetá,
a Arimatéa Ximenes, pelos debates transdisciplinados,
a Eduardo Pereira de Carvalho, pela inspiração poética,
a Daniel Ângelo de Oliveira, pela força voluntária,
a João Gustavo Monteiro de Barros pela pós-produção,
a Pedro Benevides pela música.
a Vicente Cretton, pela inspiração amiga,
a André Baker, pelos horizontes,
a Charles da Silva Moura, pelas viagens no mundo,
a Marcos Bastos, pela lição de última hora,
a Carolina Medeiros pela indicação certa,
a meu Pai, Hans Christian Wiedemann por parte do meu ser,
a Ferreirinha, guru do IFCH,

aos moradores da Praia da Longa, por tudo o que aprendi e conheci lá,

a tantos outros que aqui não são citados.

Resumo:

A trajetória de vida dos moradores mais antigos da Praia da Longa, na Ilha Grande (RJ) foi marcada por processos intensos de mudança e adaptação a novas realidades, desde o que eles entendem como o “tempo do sertão” e da “roça”, até os dias atuais mais referidos no mar e no turismo. Toda essa mudança foi acompanhada de estratégicas e criativas modificações quanto ao uso dos recursos do ambiente que cerca os moradores. Este trabalho analisa as representações desses moradores sobre esse “tempo do sertão” e o peso simbólico e as repercussões que isso tem na vida local.

Sumário:

1-Histórias e caminhos: A Praia da Longa na Ilha Grande.

2- Do “sertão” à “praia”: Mudanças no modo de vida local

3- A roça nos quintais da Longa: A valorização de saberes e práticas locais

4- Os saberes locais ressignificados: Uma “barreada” na Praia da Longa.

5- Reflexões sobre imagens.

Referências Bibliográficas

Anexo filme: “Jóia de Barro”

1-Histórias e caminhos: A Praia da Longa na Ilha Grande

Dilha

Pode ser vista de vários ângulos e pontos diferentes numa paisagem que se mantém mais tempo sob olhos dispostos ao registro.

Se não for a nado

dibarco.

Eu dicanoa.

Prefiro as formas lentas em movimentos circulares.

Proponho aos meus sentidos

passo lento

ouvindo somente o vento.

Sobre mim rebatem minhas roupas. Eu, mar e a floresta ainda se mantém ali, quase parada, quase passando. Remo e logo me deixo levar por mais um não sei que lá. Não sei se árvore, pássaro ou gente. Tava na mata. Podia ser do mar, mas estava lá.

Na terra.

Movia-se com pouco passo.

Flutuava.

(Mario Wiedemann, 2007)

Por ser ilha, a Ilha Grande é de propriedade da União. Por grande parte dela ser “parque” é uma unidade de conservação ambiental, gerida pelo IEF (Instituto Estadual de Florestas), órgão ligado ao Governo do Estado do Rio de Janeiro. Por estar na região administrativa de Angra dos Reis é submetida às diretrizes e leis de uso do solo do município. Por ter quase que a totalidade de suas encostas e montanhas cobertas por Mata Atlântica e praias de águas cristalinas é divulgada como um paraíso ecológico em todos os meios de comunicação e visitada por um número sem fim de turistas. Por ser a moradia de milhares de pessoas e o local de onde se extrai vida, é sujeita a múltiplos processos de modificação sócio-cultural e ambiental.

Esses e outros aspectos sempre envolveram meu trabalho de campo na Praia da Longa, na Ilha Grande, no âmbito da pesquisa “Ecologia e Turismo na Ilha Grande”, na qual fui orientado pela Professora Rosane M. Prado, local de onde estarei falando e o qual estarei me referindo. No entanto, falar da Praia da Longa sob a perspectiva antropológica envolve ter que falar de sua população, de trajetórias pessoais, do meio ambiente local e do que simbolicamente pode caracterizar a praia.

O meu encontro com a Longa ocorreu em meados de 2005, quando ingressei na referida pesquisa. A partir daí apreendi e apropriei-me da metodologia de trabalho priorizada pela antropologia: a imersão total em campo através da permanência no local e manutenção de vários tipos e níveis de relação com as pessoas de modo que me fosse possível conviver e conhecer o seu modo de vida. Meus olhos a partir desse encontro se atentariam para elementos diversos daquele ambiente social. Os elementos que eu percebo como “naturais”, que são a floresta, o mar, a praia e a cachoeira passaram a chamar a minha atenção de um modo especial quando percebi que indissociado deles, da Natureza que eu via na Praia da Longa, existiam relações muito ricas e criativas de sobrevivência, estabelecidas por seus moradores. Vi que aquilo que para mim era a natureza a ser apreciada e usufruída, para alguns moradores era parte da vida.

Na Longa, a observação participante, revelou na relação diária em grandes temporadas de observação e participação de festas, discussões, do futebol, rodas de cerveja, os mais surpreendentes momentos do trabalho de campo, também as idas no mato, a pescaria, a construção de uma casa, enfim a oportunidade de observar e participar de uma série de eventos e práticas locais que permitiram uma relação de interação e conhecimento que se aprofundaria cada vez mais.

A Ilha Grande está localizada no litoral sul do Estado do Rio de Janeiro. A Praia da Longa localiza-se na face continental da Ilha. Uma praia com cerca de 200 metros de extensão é cercada de morros preenchidos por densa floresta de Mata Atlântica e a morada de muitas pessoas. O censo que realizamos no período entre junho de 2005 e dezembro de 2006 revelou uma população residente de cerca de 160 pessoas distribuídas em cerca de 50 residências.



Figura 1: Mapa de localização da Praia da Longa(fonte: Google Earth)

É neste cenário que se desenrola a vida de famílias com trajetórias distintas e que têm na Longa um conjunto de referências e relações. Lembro sempre que este universo social local guarda densa relação direta com outras praias da Ilha Grande e também está em contato com o continente, mais especificamente com Angra dos Reis, cidade onde funciona a sede administrativa da ilha e principalmente onde estão certos aparatos hoje considerados indispensáveis à vida local.

Atualmente, saindo do cais de Angra dos Reis, em uma traineira, como são conhecidos alguns tipos de embarcação, você vai viajar cerca de uma hora e vinte minutos até a boca da enseada da Longa. Desse ponto você irá avistar a sua direita o “ilhote” do Boqueirão, assim conhecido pelos locais, ou Lagoa Verde como é chamado pelos turistas. Imponente a sua esquerda, o Morro do Pilão e adentrando a enseada você vai observar algumas casas mas principalmente as duas igrejas da praia. A católica do lado direito e a evangélica do lado esquerdo. Essa polarização, de minha perspectiva se manifesta nas histórias locais, na relação entre os moradores, traduzidas lá pelo “canto pobre”, do lado direito e o “canto rico”, o esquerdo, onde mora a maioria dos evangélicos. Estou usando a referência direita / esquerda reproduzindo a visão de quem chega por mar. Também, ocupando o lado direito da praia se vê o estaleiro do Tenório¹, uma oficina de construção e reparos de embarcações e que tem grande importância para a Longa e também para pessoas de fora.

1-Em sua monografia, Roberta Zanatta (2007) focaliza em profundidade esse estaleiro, considerado como uma das manifestações do saber local. Sua importância ultrapassa os limites da Praia da Longa. O Estaleiro “do pai”, assim como seus filhos o conhecem, representa fonte de trabalho para vários moradores da Longa e o único local, para muitos proprietários de barco, onde é possível fazer reparos em suas embarcações. Os trabalhadores do estaleiro, como Tenório, têm orgulho de ser uma empresa onde a preocupação maior é a solução do problema e menos o pagamento, que pode ser feito também com peixe.

Muito divulgado na Praia do Abraão e na “Internet”, este mapa abaixo inclui em um dos seus trechos a Praia da Longa. A trilha, de fácil orientação, sai da Praia do Ubatubinha, na enseada do Sítio Forte, passa pela Praia da Longa e vai até a Praia de Araçatiba, como está indicado no mapa



Figura 2: Mapa indicativo de trilhas e atrações da ilha

Essa imagem foi retirada do sítio na “ Internet” : www.ilhagrande.org mas pode ser visto no Centro de Informação Turística de Abraão. Repare que são destacadas áreas consideradas de interesse turístico e as trilhas. Diferentemente de outros locais considerados interessantes nos processos de exploração turística, a Praia da Longa não é indicada, somente a “Lagoa verde”, uma possível analogia com a “Lagoa Azul” localizada em outro ponto da Ilha, as quais são muito freqüentadas por turistas.

Isso sob alguns aspectos é considerado positivo pela população local; no entanto, desde 2005 venho assistindo uma escalada do movimento turístico que já ocupa praias e locais vizinhos, como escunas e lanchas que já incluem em seu roteiro um banho de cachoeira ou um pastel de mexilhão na Praia da Longa.

A Ilha Grande é uma ilha continental e isso implica que as pessoas migrem para lá. Tem uma população de aproximadamente 7000 pessoas distribuídas por toda sua área, em comunidades de diferentes tamanhos, desde pequenas colônias de pescadores, como a comunidade do Pilão² até lugares cosmopolitas como Abraão, com maior concentração populacional (cerca de 1800 habitantes).

“Uma observação que qualquer um pode fazer em relação ao Abraão é a que ela parece ao mesmo tempo uma agência imobiliária - com um anúncio a cada passo, de aluguel “por temporada” de casas, quartos, “quitinetes”; ou placas com os preços das diárias dos campings e das pousadas- e um canteiro de obras- com construções , na maioria de dois andares, igualmente encontradas a cada passo ao longo de todos os percursos da vila.”
(PRADO, 2006: página 212)

Esse é o cenário atual representado pelo Abraão, de uma praia, numa Ilha que mudou, continua mudando e que tem uma população que se apresenta de maneiras diferentes, ou seja, a Ilha Grande tem várias traduções. A Praia da Longa sempre esteve conectada aos processos de ocupação antrópica da Ilha Grande; de caçadores– coletores³ até a especulação imobiliária, passando por este que é o mais contemporâneo agente de transformação e comunicação intercultural, o viajante / turista, que leva e sempre levou consigo, de um lugar ao outro, ferramentas de intervenção no mundo. Ferramentas que podem ser feitas por lá, como as construídas pelos grupos caçador-coletor no rio que existe na Longa, onde é possível observar sulcos(marcas) nas pedras que funcionavam como amoladores/polidores. É possível observar, como destaca Tenório (2006), estes sítios arqueológicos em outras praias da ilha, mas principalmente no “ilhote” da Praia do Sul, local considerado por ela muito propício a vida destes grupos.

2- Localizada na costeira do Morro do Pilão, a Comunidade do Pilão agrega algumas famílias que vivem basicamente do comércio de peixes retirados de uma rede de cerco permanente.

3-Ver mais em Tenório,2006

A relação da população residente na Praia da Longa com um fascinante universo, com suas visões e seu modo de vida, inspiração deste estudo, serão aqui considerados em referência aos processos de mudança social. No caso da Longa, estou captando um momento e focalizando um aspecto marcante manifestado por esse conjunto de moradores e que diz respeito ao significado atribuído ao “tempo de sertão”.

Moradores atuais da Praia da Longa, numa faixa de idade em torno dos 50 anos, ao longo de suas trajetórias, puderam vivenciar uma série de modificações no seu modo de vida, principalmente, destacarei aqui, a partir da década de 70, quando se estabeleceu um processo de intensificação do contato e comunicação com a sociedade abrangente. Mudanças em todos os planos: nos locais de habitação, no tipo de alimentação, dos tipos de construção, no tipo de atividade profissional, enfim, elementos que estão relacionados com o modo de vida e comportamento das pessoas que guardaram uma relação direta com os recursos, que chamarei aqui de recursos ambientais, que podem ser traduzidos como aqueles tanto provenientes de cultivo quanto de extração.

No capítulo dois apresento a trajetória seguida por alguns moradores do “sertão” para a “praia”, reconhecendo algumas referências históricas e sua relação com processos atuais de mudança da realidade local. No capítulo três apresento indicações desses dois “tempos” referidos na trajetória e ainda presentes na paisagem e no modo de vida dessa população destacando a importância e o peso que têm as explicações locais para a elaboração da vida fazendo um contraponto entre diferentes perspectivas de se conhecer e aplicar conhecimentos sobre o local onde se vive. Por fim, no capítulo quatro, irei descrever etnograficamente um evento para o qual a nossa equipe de pesquisa foi convidada a participar : A “ Barreada”, uma das etapas de construção de uma casa de pau-a pique, foi realizada no dia 8 de junho de 2006 e, analisada, pode falar sobre a maneira como as pessoas do lugar se relacionam com a sociedade abrangente e como constroem o que aqui será tratado como “ saber local”⁴

4- Ver mais em Geertz, 1998

2- Do “sertão” à “praia”: Mudanças no modo de vida local.

Nem lápis , nem papel.
Fazia o que mais sabia.
Traduzia em palavras
que costumavam ser dali.

Altamiro é um oceano
vivo vasto
fluido lindo
di verso.
Feito de pé no chão e remo na mão.
Nascido nessa terra de pesca e sertão.
Faz um olhar intencional para ter uma visão intuitiva.
É da serra do mar
da mata
do Atlântico
dali
de Parati.
E com olhos vivos de floresta
vê a Praia Grande

linda.

(Mario Wiedemann, 2006)

A partir das falas de algumas pessoas do local fica indicada a entrada de uma nova lógica que regula o modo de vida local, apontando para um “antes” e um “depois” na compreensão de como se deu a passagem do tempo. Para essas pessoas, a contagem do tempo aparece desvinculada dos anos e das datas e mais ligada a acontecimentos e eventos individuais ou coletivos como festas, pescarias e de modo mais amplo, á um tempo referido como “o tempo do sertão”. Isso remete às colocações de Luchiari, quando se refere à maneira como o “caiçara” percebia as transformações na paisagem, que, segundo ela se modificou com a intensa ocupação provocada pelo movimento turístico. Essa pesquisa de Luchiari, realizada no município de São Sebastião, no litoral paulista, entre as décadas de 80 e 90, ilustra esse e outros aspectos referentes à maneira como se regulava o tempo para os moradores da Longa.

“As atividades produtivas, assim como as dimensões simbólicas de sua cultura, associavam-se a ciclos da natureza: tempo de plantar, tempo de colher, de pescar, de navegar, de festejar a chegada de cardumes de tainha, de cortar madeira, de não cortar, enfim, de ordenar a cultura a partir do ajuste ecológico.”
(LUCHIARI 2002: pág 140)

O tempo foi percebido por Seu Bem, antigo morador local, de um modo específico e referido a certas condições de vida. Trata-se de um morador antigo, com cerca de 60 anos e que cultivava hábitos como a roça e a pesca e que quando me contava sobre os conhecimentos e técnicas aplicadas na pesca embarcada, disse que “no tempo dos analfabetos” não existia sonda⁵ e por isso existia camarão para todos. Tempo em que só existia escola em Angra e se vivia na roça. Aqui já se vê uma referência positiva relacionada a fartura de alimentos.

5- A sonda, ou sonar, é um equipamento incorporado à pesca e serve para fazer a “leitura” do mar, localizando cardumes de peixes e indicando o local e profundidade em que se encontram. Estes equipamentos atualmente chegam a rastrear uma circunferência com cerca de 1000 metros de diâmetro e foram amplamente incorporadas à pesca comercial.

No “tempo do sertão”, a vida estava referida ao recurso do ambiente, a alimentação estava baseada num leque diversificado de frutas e vegetais plantados, cultivados ali mesmo e complementada pela caça e pesca.

Ainda morador do morro e conhecido na praia por saber sobre plantas medicinais e ter grande conhecimento da mata, Fifi, que tem cerca de 60 anos, nascido e criado na Praia da Longa e também cultiva hábitos do “sertão”, certa vez me contava que a ida para Angra dos Reis, Paraty ou Ubatuba acontecia em uma “canoa de 12”, canoas grandes que comportavam remadores, passageiros e as cargas de banana, farinha, melado, cachaça e doces que eram vendidos ou trocados por sabão e sal que são elementos sempre citados nas histórias contadas por alguns moradores locais e que marcam a característica então da auto-suficiência destes ilhéus, que viveram suas infâncias neste momento e vivenciaram a passagem referida neste capítulo, do “sertão” para a “praia”.

A dependência de alimentos comprados no continente é reconhecida por Fifi que fala com saudade de sua infância, de quando morava no sertão e comia biju com café. Nas travessias do continente para a ilha que realizamos durante nossos trabalhos de campo, com o barco do “Branquinho”, o “Mareiro”, normalmente somos acompanhados de outras pessoas que vão à angra para fazer compras, normalmente feitas em supermercados próximos ao cais. As compras são colocadas em sacos de plástico transparentes, grandes, para facilitar no transporte da ponte de chegada na praia até a casa do morador. A observação disso me revelou em inúmeras viagens de Angra até a Longa os suprimentos mais diversos como: óleo, pão de forma, biscoito, café, açúcar, arroz, ovo, gelatina, feijão, arroz, refrigerante, enlatados, carne, laranja, maçã, tomate e verduras.

A mudança no tipo de alimentação, a incorporação de alguns alimentos e a eliminação de outros ocorre acompanhada de outras modificações como, por exemplo, a possibilidade de armazenamento com a chegada da luz elétrica, e a facilidade de deslocamento até angra com os barcos a motor. (ZANATTA, 2006). O barco a motor também possibilitou a pesca comercial, e uma maior facilidade no deslocamento para a procura e o comércio do peixe.

Na Longa, os moradores do “sertão” freqüentavam a praia, onde também praticavam a pesca de canoa como uma atividade para complementar a alimentação. A chegada da Luz elétrica e do motor a diesel e outros processos que serão citados a seguir, também contribuiu para que gradualmente os moradores migrassem para a “praia”. Nesta passagem pôde se observar também, uma mudança no peso das relações entre “a Ilha” e o “continente” indicando que a relativa independência citada nos tempos do “sertão”, em que se utilizava, essencialmente, artigos retirados dali mesmo, passaram a dar espaço para uma maior relação de dependência do continente a medida em que esses moradores migraram para a praia. Esses processos citados acima ocorreram em diferentes momentos dessa referida passagem do “sertão” para a praia e também foi manifestada em épocas diferentes pelo conjunto de moradores que apresento aqui. A procura e o encontro com as referências que vinham da praia, como por exemplo, o turismo e o trabalho na fábrica de sardinha, indica a característica essencialmente contínua da construção cultural.

Processos que guardam forte referência nas histórias, embates e relações que ocorrem no local atualmente. O uso de uma habilitação para guiar um barco, mesmo quando se detem o saber ancestral e histórico sobre o mar e a navegação naquela região, é um regimento burocrático obrigatório que submete os “barqueiros”, principalmente na região da baía e do porto de Angra. Essa adesão, que pode ser traduzida como obediência, exige uma mudança de comportamento e cria novas demandas, inclusive a mudança no local de moradia, como será citado adiante.

A implementação, já na primeira metade do século XX, das fábricas de sardinha deu grande impulso a este movimento migratório. A oferta de emprego e salário fez com que homens e mulheres trocassem o trabalho da roça pelo trabalho de limpeza de peixe que ocorria na fábrica localizada na praia. Neste período o estoque pesqueiro abundante da Baía da Ilha Grande, atraiu também pessoas de fora da Ilha, hoje descritas nas histórias locais. (ZANATTA, 2006).

No início da década de 70, promovidas pelos órgãos ambientais, absorvidas diferentemente em cada praia e aplicadas de maneira e em tempos diferentes, as restrições ambientais, a propósito da criação e aplicação de lei, parecem ter contribuído com este movimento migratório. Impossibilitado e proibido de fazer a roça o morador do sertão deixa o alto dos morros (a parte alta dos rios) e segue para morar mais próximo da praia.

Não só referente à possibilidade de cultivo e extração do alimento, estes processos provocaram outras mudanças na relação com o continente. A já citada chegada da luz, em 2002, que segundo moradores locais trouxe muitos benefícios, estabelece que agora as pessoas freqüentem os bancos para pagar suas contas, assim como o pagamento do IPTU trazido pelo processo de regularização fundiária. Mais recentemente, a instalação de um telefone público, vem atender a uma demanda local, assim como a iluminação da praia que ocorreram a propósito da Revisão do Plano Diretor, realizada pela Prefeitura de Angra dos Reis em 2007.

O mais antigo e ao mesmo tempo, o mais recente e fluido agente transformador da realidade local, o turismo, ganha traduções locais variadas entre os moradores e visitantes. A não presença de certos empreendimentos turísticos no local, como pousadas, é um empecilho para certo tipo de turista. No entanto, caminhantes, lanchas e veranistas são presença comum em períodos de feriados e férias. Podemos considerar como veranistas os proprietários de casas que não moram no local e que vão esporadicamente à Longa, normalmente identificados com “os de fora”, quando não tem alguma ligação familiar com a Longa. A tranquilidade, ainda preservada, ainda “intocada” é apontada por muitos turistas e moradores locais como um grande diferencial em relação a outras praias, como quando citam o caso do Abraão ou da Praia do Aventureiro, onde se tem mais “agito”.

As leis ambientais e leis de uso do solo, estabelecidas pelo Plano Diretor da Ilha Grande, também podem ser identificados como de regulação da vida, de regulamentação, que aplicados sob força legal, colocam na ilegalidade pessoas e práticas, criando ambivalências e preconceitos traduzidos no comportamento e nas falas de alguns moradores.

Ao longo da pesquisa acompanhei, entre 2006 e 2007, reuniões do processo de revisão do Plano Diretor, das oficinas de explicação de regras de ocupação e uso do solo pelos gestores das Uc's(Unidades de Conservação da Ilha), eventos de apresentação do novo PEIG (Parque Estadual da Ilha Grande) e muitos outros eventos que me demonstraram algumas evidências de que a citada “questão ambiental” é um bom argumento também para articulação política e é entendida de diferentes maneiras pelos atores envolvidos e a população local que arbitrariamente é pressionada a reformular seu modo de vida.

A equipe da pesquisa acompanhou reuniões na Praia da Longa, Praia de Araçatiba e no Abraão a propósito de dois processos que ocorriam simultaneamente. As reuniões de discussão do novo Plano Diretor, desta vez, feito somente para a Ilha Grande, ocorriam da seguinte forma (no caso da Longa): Uma equipe a bordo de uma lancha chegava na praia e utilizava a área do coreto, ao lado da igreja. Fazendo uso de mapas e apresentação com “data show”, o funcionário da prefeitura explicava as diversas formas de uso e denominações daquela área. Outro processo acompanhado desde o marco institucional quando Sérgio Cabral (Governador do Estado do Rio de Janeiro), em um evento no Abraão, acompanhado do secretário de meio ambiente, assinou o decreto de ampliação da área do Parque Estadual da Ilha Grande, foram as sucessivas reuniões em várias comunidades da ilha. A área do Parque passaria a cobrir quase que a totalidade da área da Ilha e novas regras de uso do solo eram explicadas aos moradores da ilha.

A propósito dessas reuniões, os moradores da Longa e de outras praias repetidamente manifestavam questões relativas a terra. Argumentavam que seus filhos iriam crescer e que teriam que construir casas para morar, e que na prática das leis, passaria a ser proibido de fazer. As novas gerações estavam sendo diretamente atingidas por esses processos de determinação do uso da terra. O uso de cercas e muros demarcando a área do terreno pode ser indicado como uma preocupação com a “posse” ou “propriedade” da terra ou também a vontade de muitos moradores da Longa de permanecer naquele local e de manter seu modo de vida.

A área onde está localizada a Praia da Longa faz parte da APA Tamoios criada pelo Decreto Estadual No 9.452 – de 5 de dezembro de 1982, uma Área Preservação Ambiental (SNUC,2000) .Só em 1994, através do Decreto N° 20.172, fica instituído o Plano Diretor da Área de Proteção Ambiental de Tamoios, localizada no Município de Angra dos Reis, proibindo uso do solo a partir da cota 40m.

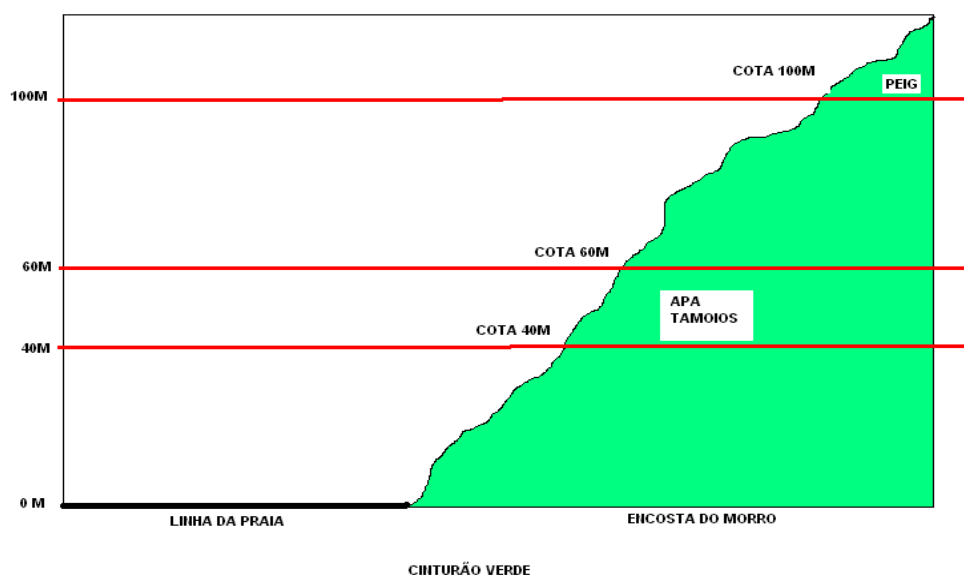


Figura 3 : Esquema de localização altimétrica das cotas de ocupação dos morros da Ilha Grande .

Desde 1982, a Área de Preservação Ambiental de tamoios tem o objetivo de preservar o ecossistema florestal das áreas morro acima, prevendo conservação de outras e já indicando as áreas de ocupação, áreas estas já ocupadas. Em 1971 foi instituído também o PEIG – Parque Estadual da Ilha Grande que prevê desde então a “preservação dos ecossistemas” em “todas as terras da Ilha Grande, localizadas acima da cota altimétrica de 100 (cem) metros”.

O Cinturão Verde - Programa de Contenção e Expansão Urbana e Recuperação Ambiental dos Morros do Município da Secretaria de Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano da Prefeitura de Angra está realizando ações na Ilha Grande nas comunidades da Praia do Provetá, Praia do Abraão e Praia de Araçatiba. O Projeto Cinturão Verde consiste em demarcar os morros com cercas de mourões e arame para evitar que novas construções sejam erguidas em áreas acima da cota 40m, protegendo assim a APA.



Figura 4: Cercas de demarcação. fonte: www.angra.rj.gov.br/asp/sma/sma_cinturao.asp

Existem outras Unidades de Conservação, como a Reserva Biológica da Praia do Sul, o Parque Estadual Marinho do Aventureiro e a menos conhecida, a Estação ecológica de Tamoios, unidades que em algumas áreas da ilha se sobrepõe e que criam sobreposições no processo de implantação e fiscalização. O Parque Estadual da Ilha Grande, a APA Tamoios e Parque Estadual Marinho do Aventureiro são administrados pelo Instituto Estadual de Florestas(IEF).A Reserva Biológica da Praia do Sul e a Estação Ecológica de Tamoios são administradas pelo IBAMA, Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Renováveis.

“A Ambiental”, “a Florestal”, “o Imbamba” como demonstra Prado (2006) em seu estudo sobre as perspectivas de moradores do Abraão sobre as questões ambientais, são maneiras como o ilhéu, conhece e/ou identifica esses órgãos e siglas. Neste estudo constata que a já citada “questão ambiental” que existia ali era a própria presença e repressão do órgão quanto ao uso dos recursos da floresta. É delicado e em certa medida conflituoso o processo de aplicação de “políticas ambientais” dentro destas Unidades de Conservação.

Áreas ocupadas há décadas e nas quais por força das leis e demandas externas, moradores passaram a conviver com as ambivalentes proibições e restrições quanto ao uso dos recursos do ambiente.

O cumprimento parcial das etapas legais de efetivação de Unidades de Conservação, regularização fundiária e ocupação institucional, parece refletir uma premissa do pensamento técnico científico de relação com o “meio-ambiente” e nestes casos, com moradores da Ilha Grande; órgãos públicos e privados que, apropriados do discurso legal da ciência acadêmica, podem atribuir responsabilidade administrativa, civil e penal, às pessoas que moram na Praia da Longa e em outras praias da Ilha Grande, para a efetivação de políticas públicas de zoneamento do espaço.

A exemplo desses processos que incidem sobre a Longa, no período entre 2006 e 2007, a equipe da pesquisa participou ativamente das reuniões de mobilização e votação de uma administração composta por vários moradores, da Associação de Moradores da Praia da Longa e que neste momento se revelou ser de grande importância frente aos processos citados acima, mesmo quando sua soberania local não era em sua totalidade reconhecida ou também desrespeitada pelos órgãos públicos.

O modo de vida dos moradores da Praia da Longa e a paisagem do local apresentam visivelmente aspectos desses dois momentos citados no início deste trabalho. Traduzidos e ressignificados pelos mais velhos, que tem a infância referida no “sertão” e também absorvidos e ressignificados pelos moradores das gerações mais novas as quais posso chamar da geração do “tempo da praia” que com frequência pratica também hábitos do “sertão”, como será demonstrado na sequência deste trabalho.

3- A roça nos quintais da Longa: A valorização de saberes e práticas locais.

A laranja era da terra
e com feitiço feito a faca no quintal da casa sob a vista do final de tarde alaranjado
Dona Nêga na Praia da Longa desfaz os segredos da terra.
Sob os olhos atentos de quem tenta sua arte
ela faz sua escola.
Passo a passo constrói sua história.
Desvenda cabo - a - rabo seu repertório de doces e magias da terra.
Cada receita de vida parecia uma lição de bolo.
Era de fato um feito feitiço.
Dizia entre lascas para não cortar demais a casca
para não acertar a carne.
Fica três dias de molho pra não ficar o amargo na boca.
Fervilhava na água pra ficar amolecido.
Em cada palavra que falava desfazia uma dúvida.
O amargo vinha da carne.
As lascas no chão
o sol posto sobre minha visão
com total atenção
ouço suas visões.
Enquanto tira o sumo
enquanto raspa
fala que açúcar derretido ao fogo baixo com um pouco de água vira calda.
Suas mãos estavam molhadas
de gotículas de uma água perfumada
de laranja.
Bota ela no fogo com calda
e deixa um tempinho mais.
Em súbito corte em cruz
ela abre a laranja.
(Mario wiedemann, 2006)

Essa descrição poética de um momento vivido durante o trabalho de campo traduz um aspecto da vida social dos moradores da Praia da Longa, de transmissão do conhecimento, construção do saber e de uso dos recursos do ambiente.

Refiro-me aqui a “trato da terra” como um tipo específico de relação que as pessoas têm com a “natureza” e o significado que esta tem para as mesmas, enfatizando que estes significados e representações são específicos e podem por isso ser traduzidos de maneira diferente no amplo conjunto social, dependendo da idade, da trajetória de vida, gênero e outros elementos particulares. A “natureza” de que falo passa pela floresta, pela roça, pela pesca, pela cachoeira e outros aspectos que estão distribuídos na paisagem da Praia da Longa. Trata-se de práticas exercidas por alguns moradores da Longa. O cultivo e a extração de plantas e vegetais, na intencional manutenção e manipulação de elementos do ambiente que consideram relevante à manutenção de sua vida. Uma relação próxima do “ambiente”.

Em caminhada pelo passeio como os moradores se referem aos caminhos cimentados que ligam e cortam a Longa, principalmente na parte de trás da vila e na costeira, observando os quintais pude, identificar uma série de tipos de plantas frutíferas. Caju, cacau, manga, goiaba, abacate, urucum, cajá, mamão, pitanga, coco, amêndoa, cambucá, tangerina, graviola, cana de açúcar, guaraná, fruta pão, banana, limão, laranja, abacaxi e ameixa entre outras como salsa, cebolinha, couve, coentro, cultivados em canteiros separados. Essas culturas não representam, atualmente, a auto-suficiência alimentar do “tempo do sertão” - Como me contam alguns moradores mais velhos, quando o cultivo da banana, da mandioca e da cana- de- açúcar era feito com a intenção de também comercializar. São colheitas esporádicas e com muitos desses elementos cultivados e extraídos, os moradores locais fazem outras coisas, como o urucum, utilizado para fazer coloral, o boldo usado para dores no estômago e enjôos, doce de banana, doce de goiaba vermelha, cocada, melado e o doce de laranja como aquele feito por Dona Nêga que é também nascida e criada na Longa e conserva no seu quintal, pés de laranja da terra, tangerina, abacate, fruta-pão e outros com os quais ela cria suas surpresas, feitas muitas das vezes em seu fogão a lenha que fica numa pequena cozinha anexa a casa. Essa cozinha externa de Dona Nega, feita de paredes de

bambu, conserva características similares às das casas de fazer farinha, que existiram em grande quantidade na Longa, que os moradores atualmente utilizam para fritar o peixe e fazer o feijão.

Em outras áreas, morro acima ou mesmo em outros quintais pode-se observar pequenas “roças” de cultivo de mandioca, batata doce, milho, feijão, inhame e café. Práticas que estão referidas ainda ao “tempo do sertão” quando a cultura da roça representava fator de sobrevivência, eram a base alimentar e por isso eram realizadas em maior escala, como está descrito na parte 2. Para alguns moradores como Fifi e Ben, o cultivo de alguns desses vegetais faz parte de suas vidas e de alguma maneira ainda complementa sua alimentação, mas ganha uma dimensão simbólica quando pensamos que boa parte de suas infâncias foi vivida na roça, consumindo essencialmente o que era cultivado na terra ou retirado da floresta; quando se praticava caça, trabalhando desde pequeno nas tarefas da casa, época em que o contato com a sociedade abrangente era mais restrito. É um cultivo também simbólico de uma cultura que permanece alimentando com frutos as novas gerações da população da Longa que observam e praticam esses saberes.

Um caso exemplar deste processo é o do “Versinho”, filho de Tenório, trabalha como marceneiro no estaleiro “do pai”, nascido e criado na Longa, dono de bar e recentemente preparou uma “roça” de mandioca ao lado de seu bar, na beira da praia, para que o cliente acompanhe todo o processo: da retirada da raiz até ser servido à mesa. Versinho também comprou recentemente os aviamentos de uma “casa de farinha” na intenção de começar a fazê-la reconhecendo isso também como um atrativo ao turista. Como se vê, trata-se aqui do componente do turismo como fator que influenciou a passagem do sertão para a praia e que estão também relacionadas ao uso dos recursos do ambiente e ao universo do “sertão”.

Citadas no capítulo 2 deste trabalho, as restrições impostas pelos órgãos ambientais contribuíram para a mudança dessa prática assim como a retirada de madeira e a “roça” criminalizando práticas tradicionais e também provocando o que pode ser observado na Praia da Longa, como uma reação que parece adquirir um peso simbólico: a valorização de determinados saberes em detrimento das imposições legais e das mudanças na realidade

local. A caça do gambá, assim como será descrita adiante, a barreada e a pesca, trazem revelações sobre como um saber é transmitido, como costumes, diferentemente, permanecem ressignificados e de como o uso dos recursos retirados do ambiente continuam ocupando um papel fundamental na vida das pessoas que moram na Longa.

Além do turismo, outras fontes de elementos, já citados anteriormente, novos e exteriores que interferem nos processos de mudança aqui referidos, podemos reconhecer o diálogo que se estabelece entre as diferentes lógicas que se encontram na Praia da Longa. Aquecimento global, ecologia, preservação ambiental, degradação, reflorestamento e tantos outros nomes também fazem parte do vocabulário e da vida das pessoas que moram na Praia da Longa, mas lá ganha um novo corpo, uma nova interpretação, um novo significado.

As idéias amplamente divulgadas pela mídia e impulsionadas pelo conjunto de políticas ambientais do “sistema mundo”, desde a década de 70, parecem viajar a todo canto. Porém, de que maneira são entendidas essas idéias ou como é intermediado o contato entre as populações locais e o discurso “globalizante” de um ideal de preservação? Serão apresentados a seguir, dois casos que podem revelar como moradores de diferentes gerações que absorvem diferentemente as restrições quanto ao uso dos recursos do ambiente, elaboram explicações para práticas atuais.

A preocupação com a “água” na Praia da Longa é real e passa pelo rio, é entendida localmente como a preocupação com “a cachoeira”, com a fonte de água das pessoas. Farinha, assim conhecido na Praia da Longa, tem 47 anos, é morador, pai de dois filhos, casado, nascido e criado neste local e sempre viveu sua vida “aqui na Ilha” e, portanto, está integrado à rede de relações sociais locais. Demonstra em seu comportamento e saber, aspectos da vida cultural local, transforma e usa os recursos do ambiente. Sua trajetória de vida está relacionada a uma parte da história da Praia da Longa.

Antigo morador do “sertão” da Longa, Farinha atualmente mora em uma casa de tijolos, cimento e telhas de amianto, muito diferente da casa em que viveu a sua infância. A área de sua casa, ou a própria casa, assim como a de outros moradores da Praia da Longa, apresenta

elementos do universo do “sertão” associados a materiais e elementos disponíveis em Angra dos Reis, hoje, com mais facilidade. Uma cozinha externa com fogão a lenha, de paredes de bambu e telhas de amianto, pés de banana, goiaba, limão, laranja, coco e outras plantas como milho e mandioca, que cultivava no quintal de sua casa e no terreno de seu irmão, que fica próximo a sua casa.

Em caminhada pela Longa, encontrei com Farinha, que estava indo a sua antiga casa procurar madeira na mata para utilizar no fogão. Hoje, esta casa, onde passou parte de sua infância, localizada no morro, acima das cotas indicadas anteriormente, é propriedade (aqui também esse termo pode ser traduzido como posse) do Arnaldo, um veranista do Rio de Janeiro que tem relação próxima de grande parte dos moradores locais. Farinha trabalha na manutenção da casa e com isso ganha esporadicamente algum dinheiro. Acompanhei e o ajudei a colher a lenha e a amarrar com um cipó, o molho de madeira. Vale destacar que essa madeira utilizada nos fogões de lenha, por muitos moradores, é colhida na mata e caem naturalmente das árvores.

Farinha me chamou para acompanhá-lo até o rio onde me revelaria uma série de elementos sobre sua visão da natureza. No rio, ele começou a me indicar onde sua mãe e sua tia lavavam a roupa, onde tomava banho de cachoeira. O que eu via era um rio de pedras com pouca água, que, segundo Farinha, só enche quando chove muito e mesmo assim rapidamente perde volume. Passava o dedo na pedra e dizia – “aqui passava a água” - num nível bem acima de onde passa água atualmente.

“ quando era criança me acabava num poço que tinha ali . Aqui em volta era tudo roça, tinha mandioca, milho, feijão aqui na beira do rio. Agora você não pode mais cortar um pé de pau ou fazer sua roça e o rio tá assim, sem água.Você acha que eu vou chegar e cortar esse pé –de- pau se eu não precisar?”

O que eu via era uma mata bem desenvolvida com árvores de grande porte no entorno do rio onde Farinha me indicou serem as antigas áreas de roça. Ele me disse que ali havia várias casas. Assim como a mudança do local de habitação na passagem de sua vida, a mudança na quantidade de água é observada por Farinha e interpretada a partir de seu conjunto de referências, com a seguinte explicação para a escassez de água no rio: Aquela

mata que nos rodeava naquele momento, era o que estava “bebendo a água do rio”. O “equilíbrio” que observara na infância dá lugar à incerteza sobre o que irá acontecer.

Existem da perspectiva científica, neste caso, de áreas de Mata Atlântica e encosta, explicações para a diminuição do volume de água de um rio. Uma primeira explicação seria o desmatamento da mata ciliar, ou seja, a formação florestal que acompanha a margem de um rio. Sem a vegetação que faz a cobertura do solo, este vai se compactando e quando há chuva a água escorre superficialmente não sendo absorvida e assim deixando de manter os lençóis freáticos com água, fazendo com que diminua progressivamente o volume de água de um rio, ou provocando isso que Farinha observa atualmente. Durante a temporada das chuvas o rio enche e rapidamente perde seu volume de água. Uma segunda explicação seria a de que o desflorestamento da mata do topo pode provocar a redução progressiva na quantidade de água de um rio.

Essa visão sobre a mudança da paisagem do local, explicitada em sua fala, indica que Farinha desconhece ou ignora essas explicações científicas e se mantém referido as dele, referentes a um par dialético uso - fartura, muito diferente da visão explicitada pelos órgãos ambientais que articula manejo e conservação que para mim ou para Farinha aparece como não uso - escassez.

Em vários locais onde há acesso para o rio, o que se vê são várias mangueiras (tubos de borracha), ou como dizem , de “ borrachas” que servem para levar água às casas. As borrachas retiram água de vários pontos do rio, e por isso, também há uma preocupação com o local onde é permitido tomar banho. A água retirada naturalmente para os domicílios é consumida sem tratamento químico, mas tratada em outros sentidos. Os moradores da Longa criaram outras formas de impedir que não entrem folhas ou outras partículas orgânicas no cano. Nestes pontos de coleta, improvisam garrafas “pet” com o fundo cortado, encaixadas estrategicamente com pedras dentro do rio ou colocam amarras de pano do bico das torneiras da casa.

Quando há chuva ou falta de água em casa, as pessoas percorrem desde lá, de suas casas, seguindo a mangueira para identificar o local onde ela se rompeu. No entanto, quando certa vez o encontrei fazendo isso, Farinha me disse que em vários pontos da mangueira, que vão das casas até o rio tendo às vezes mais de 300m, ele faz emendas para quando tiver que saber de algum acidente com a mangueira, poder identificar com mais facilidade o ponto onde ocorreu e assim providenciar o conserto final..

Se Farinha, antigo morador do sertão, elabora a partir de suas referências, explicações para as mudanças na sua vida e assim como demonstrado, faz uso direto dos recursos do ambiente, outros moradores mais jovens, que vivem na praia, fazem também uso dos recursos da natureza e revelam dois modos de guardar referências a valores e práticas locais.

No início do ano de 2007 fui convidado por um jovem morador, para participar da caça de um gambá. Estávamos, segundo ele, na época certa de caçar o gambá, pois não estariam esperando filhote. No dia seguinte, no “serãozinho”, como se referem ao final de tarde e a passagem para a noite, fomos na floresta colocar a “ceva” - uma espécie de armadilha para sondar por onde circulam os gambás. Colhemos cajá, banana, jaca e goiaba, dividimos-nos em dois grupos e entramos na floresta. As frutas, em pedaços ou inteiras, eram colocadas em locais estratégicos. O jovem esfregava a banana já bem madura nas árvores e na pedra. Dizia em meio aos trabalhos que era isso que atraía o bicho: “o cheiro das frutas, que ele sente de longe”. Foram quatro pontos de “ceva”.

No “serãozinho” do dia seguinte voltamos aos pontos onde foi feita a ceva e os jovens iam identificando nos pedaços de frutas e também na posição como estavam, a passagem de um gambá. Falavam também de acordo com isso do tamanho e de quantas eram. Eu estava nessa hora tentando identificar alguns desses rastros com um pedaço de fruta na mão e um deles me mostra a marca dos dentes do gambá. Parecia que ele cavara um pedaço de jaca com seus dentes pontiagudos.

Esse foi um dos locais onde preparamos as armadilhas. Com pedaços de madeira de pequenas árvores que cresciam em volta, folhas secas, colhidas ali mesmo e um *náylon*, mais grosso de pesca preparamos duas armadilhas.

Não tentarei aqui descrever o tipo de armadilha. Aprendi que para cada tipo de animal que se pretende caçar, deve-se usar um tipo de armadilha. O que construímos era uma engenhosa armadilha, capaz de capturar gambás. E foi esse o resultado: um gambá de cerca de dois quilos. Depois de um engenhoso processo de limpeza, preparamos o Gambá e neste dia almocei na casa de sua família, junto com outras pessoas e comemos o gambá, preparado por sua mãe, que, segundo ele, não tem uma receita tão boa como a do seu pai. Esta não foi a única vez que comi carne do Gambá. Em uma outra oportunidade estávamos nós, da pesquisa, na casa de outro morador local e experimentamos outra receita.

A caça ⁶ mata, não mais é praticada com o objetivo de complementar a alimentação, não para esses jovens, que cresceram sob a restrição a essa prática. (restrição já citada, exercida pelos órgãos ambientais ou pela prefeitura de Angra dos Reis). Desse modo como descrito acima, a caça do gambá assim como outras práticas antes referidas com relação às plantas e roças, guarda uma referência ao “tempo do sertão”. Transmitida oralmente, a prática da caça foi aprendida através da observação se mantêm e foi modificada ao longo do tempo, não está transcrita, e é um saber real sobre o ambiente. Neste caso da caça, a prática parece estar sendo ressignificada e atualizada por moradores mais jovens, com um sentido festivo e lúdico, pois foi praticada também num tipo de mutirão, um saber que segundo outros estudos realizados por Costa (2004) na Praia do Aventureiros, também localizada na Ilha Grande, guarda para alguns moradores referências no passado. Neste estudo, identificou a partir das falas de alguns moradores mais antigos, que várias atividades realizadas pelos moradores contavam com o trabalho comunitário.

6- Em consequência da restrição ambiental, relativa a essa prática, os nomes dos participantes será omitido já que meu propósito não é fazer denúncia e sim afirmar as escolhas e práticas locais.

Barrear uma casa todo mundo ajudava, puxar uma canoa todo mundo ia ajudar. Aí trocava o dia. Ele tinha roça dele, juntava dois e ia com ele. Cada um ali tem seu pedaço. Aquela floresta não é virgem não, que nunca ninguém tocou não. Aquilo ali tá de um tempo pra cá. Aquilo você olhava e era só roça. Amanhecia no dia de segunda - feira, você não via no Aventureiro uma pessoa, tudo na roça. (Costa 2004: página 86)

Este depoimento foi dado por Dona Bastinha, antiga moradora local. Ela faz referência a uma prática comum na longa que é a execução de vários tipos de trabalho, numa espécie de mutirão, ou “trabalho comunitário que envolvia as famílias e os laços de dependência mútua” como destaca Costa, no caso do Aventureiro.

Uma oposição interessante da “passagem” ao longo do tempo, do “sertão” para a “praia”, dois lugares que representam simbolicamente uma oposição entre passado e presente pode ser feita entre essas visões sobre ecologia e preservação emitidas pelos órgãos ambientais e/ou prefeitura e uma visão “da ilha”, expressas pelos “nativos”, moradores da Longa, que também propõe explicações para suas ações e entendimento das mudanças no ambiente em que vive. Farinha, ao longo do de sua vida viu os recursos do ambiente se reduzirem, os da cachoeira e da pesca e vivenciou mudanças na sua alimentação e na sua casa. Vivenciou e vive políticas ambientais restritivas, observa essas mudanças e propõe explicações para as mudanças e hoje, as pratica referida em um modo de vida onde o aprendizado vinha das relações, de forma oral, através também da observação e do contato desde a infância com as ferramentas de sobrevivência num ambiente de praia, rio, cachoeira, pesca e roça. Assim também, a caça do gambá traz elementos que indicam que o conhecimento e as práticas sobre o uso dos recursos e a maneira como moradores locais interpretam tais restrições, como indicado no caso de Versinho ou na barreada que será citada a seguir, representam valorização das práticas do tempo do sertão e que hoje são referências também da praia e dos moradores que a habitam.

5- Os saberes locais resignificados: Uma barreada na Praia da Longa⁷.



Figura 4: Tonoca, Eduardo, Thiago, Fifi, Romualdo e Zélio em plena ação durante a “barreação” (foto: Mario Wiedemann)

É de barro batido no tapa
é de estuque e estaca
e por cima é sapê.

(Poesia de Eduardo, dudu Pererê para o filme “Jóia de Barro”)

7- Este trabalho foi apresentado na SEMIC -Semana de iniciação científica em 2006, na Universidade do estado do Rio de Janeiro e no Seminário “A cultura caiçara e suas transformações” também em 2006 pelo NUPAUB - Núcleo de apoio à pesquisa sobre populações Humanas em Áreas Úmidas Brasileiras, da USP.

Neste capítulo, mostro sentidos que pode ter uma prática do tempo do sertão nos dias atuais. A “barreada”, assim chamada pela população da Praia da Longa, é a etapa final de construção de uma casa de “pau a pique” e consiste na colocação do barro na estrutura já armada da casa e neste caso, de bambu. Este a qual me refiro aqui foi realizada a pedido de Seu Mauro, um veranista, com já citei, como é referido no lugar uma pessoa que não mora na longa e não tem ligação familiar com nenhum morador local e que possui uma casa no local e visita esporadicamente. Desde sua chegada há cerca de 20 anos e aquisição de uma casa com terreno no canto esquerdo da praia, procura e compra artigos que para ele representam aspectos típicos de uma história da Praia da Longa. Tachos, redes, remos, canoas, âncoras e muitos outros.

Procura tomar conhecimento de algumas práticas locais e incentiva e contrata como nos casos das gaiolas em bambu, feitas pelo Osmar, as “cerquinhas” de bambu feitas pelo Moisés, pelo Valdemar, Fifi e Romualdo e neste caso uma casa de pau-a-pique. Todos esses são moradores locais e tem mais de cinquenta anos e também vivenciaram a passagem de tempo referida neste trabalho,



Figura 5: Seu Valdemar construindo a cerca de sua casa, utilizando bambu.

Já vínhamos acompanhando a construção desta “casinha” e fomos convidados a participar deste evento. Na semana anterior da barreada, estávamos em campo e pudemos perceber que dois fatores iriam definir o dia: O tempo, que precisava ser de sol antes e depois da colocação do barro e nossa disponibilidade para participar e registrar o evento. Trocamos nossos contatos para obter confirmação, mas a princípio ficou marcado para o dia oito de julho, um sábado.

É um trabalho realizado em esquema de mutirão como outras coisas que são realizadas na Praia da Longa. Uma forma local de troca e trabalho onde não estão previstos pagamentos em dinheiro. Carregar tijolos, botijões de gás, sacos de areia, sacos de cimento. Uma condição é que depois do trabalho a pessoa ou o grupo que está sendo ajudado fornece algum tipo de benefício ao ajudante. Paga umas cervejas, arruma um coco, banana, ou como foi neste caso, prepara um churrasco regado à bebida.

Para cada um deles que participou deste mutirão - Zélio, Fifi, Romualdo, Ditinho, Tonoca, Moisés, Messias, Eduardo, “Japonês”, neto do Fifi e eu este trabalho tem um significado diferente. Com a exceção de meu amigo Eduardo e eu todos são “nativos”, moradores locais, residentes, uma categoria que não os identifica igualmente. “Japonês” na verdade se chama Thiago. É uma criança de aproximadamente 10 anos e que o tempo todo de realização dos trabalhos estava por perto observando atento e cumprindo pequenas funções. Estava aprendendo a construir casas de pau a pique, a trabalhar coletivamente e aprendendo a transmitir seu conhecimento

Seu Messias é caseiro de Seu Mauro, nascido e mora na Longa, tem cerca de 50 anos, Fifi, já citado anteriormente, Romualdo morador local, nascido e criado na roça, do “tempo do sertão”, Moisés, também morador local, também com cerca de 50 anos, nascido e criado na Longa, Zélio, com cerca de 60 anos, também morador local e nascido na Longa. Tonoca, com cerca de 50 anos, morador local, nascido e criado na Longa e Ditinho, morador e há cerca de 25 anos vive na Longa. Foram convidados para o mutirão com a garantia de que participariam de um churrasco ao final dos trabalhos. Vale destacar que estes três últimos participaram somente desta etapa final, a colocação do barro. Fifi, Romualdo e Moisés

receberam pagamento pelo trabalho. A fundação da casa, de cimento, a colocação dos pilares de sustentação de peroba, a parede de bambu trançado e o telhado de sapé já haviam sido feitos por eles junto com o Messias.

O bambu foi retirado da costeira da praia, o sapê colhido na roça e preparado lá mesmo e a peroba rosa, comprada com Seu Valdemar da estrutura do telhado da antiga “fábrica de sardinha”. Seu Valdemar tem cerca de 70 anos, morador há mais de cinquenta anos da Longa e trabalha como caseiro das terras da proprietária da antiga “fábrica de Sardinha”. Com a desativação dessa fábrica, o material que poderia ser aproveitado foi guardado e eventualmente é vendido por Seu Valdemar, sempre com a autorização da proprietária do material.

Para este dia e esta etapa, Moisés já havia retirado o barro que iria compor as paredes laterais da casa. Este barro foi retirado de lá mesmo, do caminho para o Boqueirão, citado no início deste trabalho e que pode ser acessado por trilha. As paredes da frente e de trás da casa foram feitas com um barro mais claro (tabatinga), o “luminoso”, nas palavras de Tonoca, também retirado próximo do mesmo local, que no início dos trabalhos Moisés trouxe em algumas viagens, carregado nas costas.

O trabalho consiste em colocar água no barro, pisar para misturar e aplicar na parede com as mãos. As partes de dentro e de fora devem ser feitas simultaneamente onde junto, uma pessoa do lado de dentro e outra do lado de fora se auxiliam na composição e preenchimento com barro.

Não há tarefas definidas. O que há é alternância de funções, ajuda mútua e atitude. Não há, explicitamente, alguém que coordene as tarefas. É como se todos de alguma maneira, mais para uns menos para outros, conhecessem o trabalho que iriam fazer e /ou aprendessem experimentando. Por exemplo: Romualdo vai pegar o barro para entregar para Fifi, que está na parte de fora da casa colocando barro junto com o Zélio, que está na parte de dentro e verifica que o barro está acabando.

Não há uma pessoa para fazer a mistura. Ele imediatamente pega a enxada e puxa a terra, alguém já está com a mangueira na mão pronto a colocar a água; outros junto com ele começam a pisar a mistura que num instante está pronta e a atividade de aplicação reinicia com as posições modificadas.

Fifi e Romualdo faziam seus trabalhos mais em silêncio, mostravam que tinham mais experiência e demonstravam mais intimidade com o trabalho. Ditinho, Tonoca eram os mais falantes. Zélio e Moisés, mais calados, a sua maneira, respondiam as brincadeiras e Eduardo era um tipo de aprendiz e até pegar o jeito jogou barro na cara de alguns deles. Eu fiquei circulando entre eles fazendo fotos e filmagens e pude participar por alguns minutos de algumas etapas.

“O cara quando tem dinheiro, é rico, tem cada idéia, que não dá pra entender. Enquanto o pobre quer limpar, o rico quer manter a sujeira. Deixa que vai ser o travesseiro do homem”.

Tonoca estava se referindo a uma pedra que estava no piso da casa, que o proprietário falou para deixar onde estava. Apesar da disponibilidade atual de materiais como cimento, telha, tijolo, lajota e outros, que vêm de Angra dos Reis, o “veranista”, utiliza materiais e técnicas que, para Tonoca, estão referidas a um tempo passado, no “tempo do sertão” e da roça, quando eram utilizados outros tipos de elementos (recursos do ambiente) para a construção das casas: os extraídos ou cultivados na “natureza”, como o barro, o bambu e o sapé.

Existe aí uma diferença na atribuição de significado e valor entre o nativo, morador e o “veranista”. O que é para um “veranista” que valoriza a história e tradição da cultura local sobre valores estéticos próprios, para outros, moradores, sob aspectos diferentes é exercício de uma antiga prática que está ligada ao passado, ao “sertão” e hoje é re-significada novamente por influência de elementos externos. Fica ainda mais claro quando pensamos que esta antiga prática, referida neste tempo passado, no “sertão”, pode ser realizada agora sobre um contexto diferente, com outros objetivos: a casa não foi construída para ser moradia. Para como moradores como Tonoca, o fato da casa não ter sido construída para ser moradia e ainda sim ele estar hoje, construindo casas de “pau-a pique”, pode ser

interpretado de duas maneiras: de um lado a perplexidade diante de algo que já não faz sentido já que existem hoje outros materiais disponíveis e por outro lado , a reafirmação de certos saberes e práticas , hoje exercidos ludicamente.

Perguntei ao Seu Messias com que finalidade seria utilizada a “casinha”. Ele me disse que seu patrão queria fazer um “*depósito dessas coisas velhas que ele acha por aí*”. Era também, chamado assim por nós da pesquisa e pelo proprietário (veranista) de “museu”, evidenciado também por uma espécie de janela de vidro colocada ao lado da porta, para que ficasse exposta a estrutura interna de bambu. Seu Messias, no final de semana anterior, havia feito uma “visita guiada” pelo quintal da casa de Seu Mauro, apresentando a mim e a Roberta, minha colega bolsista da pesquisa, os objetos achados ou comprados por ele. Disse que algumas idéias eram dele. Como disse Messias, outros artigos guardados na garagem, seriam colocados neste “depósito”. Messias as considera “coisas velhas”, porque são objetos não mais utilizados no seu dia a dia. Objetos que fizeram sentido num outro momento, para outras pessoas, mas que foram substituídos ou aprimorados. Artigos relacionados à pesca, redes, cercados, remos, canoas, lampiões, âncoras e outros que hoje são “guardados” como memória do tempo do “sertão”

Apesar do convite ter sido feito a nós todos da equipe de pesquisa, contingências particulares impossibilitaram a ida de todos, o que acabou possibilitando uma maior descontração durante as atividades visto que a “barreada” é um momento de sociabilidade masculina e a presença de mulheres poderia inibir as falas e as brincadeiras que permearam os trabalhos e que são para nós, antropólogos, um momento de rica expressão para nossas percepções.

Esta prática, o mutirão, e esta antiga técnica de construção de casa são partes do que se pode considerar como saber local e estão em constante processo de modificação e adaptação a novas práticas e visões como ocorre também em outras comunidades da Ilha Grande, igualmente expostas a uma intensificação do contato com a sociedade abrangente, sobretudo em razão do crescimento do turismo na Ilha nas últimas décadas. A barreada é

vista aqui como uma das formas de expressão desse contexto de mudança, e interpretada mostra os significados e questões sobre a vida local. O que Fifi estava praticando, aprimorando e re-significando era seu saber sobre o local os recursos, sua sabedoria e sua vida assim como outros moradores citados neste trabalho. O trabalho todo foi feito em mais ou menos 4 horas, num dia de sol e céu azul em ritmo de brincadeira. Como o evento também foi filmado e fotografado, as brincadeiras, inclusive comigo, eram constantes, como se estivessem “representando”: um brincava com o outro, outros pediam para serem fotografados, outros faziam graça (Este evento, a “barreada” está registrado no filme “Jóia de Barro”, anexo a esta monografia). Após a barreada, Seu Messias preparou um churrasco, bebemos cerveja e “nó de cachorro”, nome dado a uma mistura de cachaça com uma casca de árvore, bebida que já tinha fama de ser forte e realmente demonstrou sua força.

As práticas e saberes “tradicionalmente” ligados ao sertão ainda são praticados cotidianamente pelos moradores mais antigos e pelas novas gerações o que faz com que a vida seja correlata a esses dois tempos, “um antes” e “um depois”. Como foi demonstrado nos capítulos anteriores, é possível observar na Longa e nas pessoas do local, outros elementos que as ligam a este universo do “sertão”. Agora re-significado o “sertão” ganha outra dimensão de existência, neste local, onde diversas trajetórias de vida se encontram e continuam se encontrando e têm parte de suas referências neste lugar.

6- Reflexão sobre imagem

“Estamos morrendo de técnicas,
de coisas por trás das coisas,
de verdades científicas
e filosofias dogmáticas.
num impulso mágico avisto no galho a esplêndida lagarta-que-queima,
a Lagarta Pelúcia rastejando-se em movimentos peristálticos na direção da Folha,
é lá que exerce sua artística:
molda a folha no formato de sua fome e some!

Eis o que pude aprender sozinho:
-o pêlo arrepiado da Lagarta não agride a Árvore
-a lagarta é o escultor da mata.”

(trecho da poesia “Lagarta Pelúcia” de Eduardo ou Dudu Pererê)

As palavras e suas multi-compreensões dimensionam mais uma vez o improvável: nossa vida e sentidos. Assim ocorreu comigo ao longo destes quase quatro anos em que faço parte da pesquisa lá na Praia da Longa. A convivência e o envolvimento com as pessoas de lá, assim como foi descrito, me revelaram outras possibilidades de compreensão de questões amplamente discutidas por nossas ciências, da minha vida e da forma como a encaro.

A beleza do trabalho antropológico está em não bitolar a verdade daquele que, através de palavras ditas ou escritas subverte a ordem da compreensão das coisas e do mundo. Subverter no sentido de fazê-las sempre em suspensão, prontas a ganhar outro significado no exato momento em que são transmitidas. São representações de nossas perspectivas e que estão relacionadas ao modo de vida que praticamos. O que este trabalho buscou revelar foram as representações de alguns moradores mais velhos, sobre o ambiente em que vivem, indicando nos casos descritos, como que suas práticas e modo de vida, num contexto de intensas transformações, ainda estão referidas no ambiente e no uso deste para a sobrevivência. Fazem uso dos recursos na alimentação, na construção de casas, na atividade da pesca, no hábito da “roça”, transmitindo às gerações mais novas esses saberes e valores.

Vale aqui destacar uma característica processual das modificações vividas pelos moradores da Longa e de como a relação próxima do ambiente tem papel fundamental neste processo, como foi destacado por Costa (2004), na Praia do Aventureiro. Mudanças que ocorreram a partir de influências que vão e voltam num contínuo de acontecimentos e como os recursos são procuradas e substituídas a partir da necessidade e da disponibilidade.

A partir da utilização de registro cinematográfico, passei a observar os efeitos desta produção entre os moradores da Longa e entendi que aquilo que a equipe da pesquisa estava executando era um contínuo desse processo o qual me referi acima. As questões que surgiram, com a incorporação da ferramenta cinematográfica, ampliaram os horizontes do trabalho que praticamos na Longa. Em 2007 organizamos a projeção do filme “Jóia de Barro” e no início deste ano, realizamos um filme sobre a pesca da lula, chamado “O

mistério das coisas” também apresentado aos moradores em um segundo evento o qual chamamos de Cinema na Longa. Outros dois filmes estão a caminho. Um filme sobre a Festa de São Pedro deste ano e outro sobre o Estaleiro. Outras projeções seguirão e os efeitos das imagens são visíveis e estão presentes na falas de alguns moradores; nessas sessões as reações eram as mais variadas e manifestadas com euforia, através de risadas, gritos, brincadeiras, gestos e conversas e os efeitos foram diferentes nos dois dias de programação, mas o fato é que o coreto foi ocupado por quase uma centena de pessoas.

Esses documentários produzidos na Praia da Longa revelam personagens que são os próprios moradores do local e mostram aspectos da vida e da cultura local como a “barreada” e a pesca de lula, atividades que encontram referências nos dias atuais.

Tanto a filmagem, quanto a projeção parecem ter provocado e provocar um movimento no sentido de reforçar o modo de vida e prática local, assim como ocorre nas citadas reuniões promovidas pela prefeitura e órgãos ambientais.

Destaco, no entanto, que ambos ocorrem em encontros, que apesar de realizados no mesmo local: o coreto, são de caráter bem distinto. As sessões de cinema são, assim como na caça do gambá, são encontros onde há celebração festiva e coletiva de afirmação de um modo de vida e de práticas, ao passo que, com a participação de um número bem menor de moradores nas reuniões com a prefeitura, ocorria sempre em clima tenso, em defesa de um modo de vida e da manutenção de certas práticas, como já citadas anteriormente. Este clima de enfrentamento indica um posicionamento em relação a perda dos direitos de permanência nessas terras, dos vários anos que vivem sobre regras cada vez mais restritivas de uso do solo.

Este parece ser um campo de estudo interessante. O processo de produção de documentários, assim como a projeção, como já nos tem revelado, pode promover processos de significação e representação dos aspectos culturais e ambientais da Praia da Longa. Podem também significar em outros contextos, como nas reuniões do Plano Diretor, salvo conduto para ações de mobilização e posicionamento político local.

Referências bibliográficas

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,1978

GEERTZ, C. “Do ponto de vista dos nativos”: a natureza do conhecimento antropológico. In O saber local. Petrópolis: Vozes, 1998.

LUCHIARI, M.T.D.P- Turismo e cultura caiçara no litoral paulista.In Turismo. Modernidade. Globalização./Org. Adyr Balastrieri Rodrigues- ed.2-Hucitec- São Paulo.1999

PRADO, M. R.

2006 - Depois que entrou o Imbamba: Percepção de questões ambientais na Ilha Grande. In: Ilha Grande: do Sambaqui ao turismo. Org. Rosane Manhães Prado - Ed. UERJ

2003- As espécies exóticas somos nós: reflexão a propósito do ecoturismo na Ilha Grande. In Horizontes Antropológicos, ano 9, n.20- Porto Alegre

SAHLINS, Marshall- Cosmologias do capitalismo. Religião e Sociedade .v. 16, n. 1/2. Rio de Janeiro: ISER,1992

SNUC- Sistema Nacional de Unidades de Conservação - MMA-IBAMA,2000

TENÖRIO,M.C. Povoamento pré-histórico da Ilha Grande.In: Ilha Grande: do Sambaqui ao turismo. Org. Rosane Manhães Prado- Ed. UERJ-2006

COSTA, G.V.L.- “O aventureiro, Ilha Grande-RJ: uma análise de mudança social”-Rio de Janeiro: UFRJ/PPGAS, Museu Nacional, 2004

ZANATTA, R. - “ A morte dos Guapuruvus”: uma reflexão sobre identidade local e turismo na Ilha Grande”. Monografia de conclusão de curso- IFCH,2007

Anexo